

6 Conclusões

Há muitos tipos de revolução e, conforme Senge *et al* (2009), a história se refere principalmente a revoluções políticas, acontecimentos dramáticos que, não raro, geram poucas mudanças na realidade cotidiana da maioria das pessoas. Entretanto, ocasionalmente, algo acontece e muda a maneira como as pessoas vêem o mundo, o que é valorizado, o modo como a sociedade define progresso e como as organizações estipulam seus objetivos e atividades (SENGE *et al*, 2009).

Sem a pretensão de esgotar a discussão e a reflexão sobre os temas abordados, espera-se, ao contrário, que esse trabalho contribua para um melhor entendimento dos conceitos e da associação entre o comportamento empreendedor, a conduta inovadora e sua contribuição para a sustentabilidade empresarial. Além disso, espera-se que contribua para uma reflexão crítica sobre a capacitação empreendedora, principalmente por ser voltada, a grande maioria, para aspectos puramente pragmáticos, sem levar em consideração o adequado entendimento do significado de comportamento empreendedor e as perspectivas e desafios oriundos devido a essa adequada forma de compreensão.

Permito-me, nesse momento, fazer alguns questionamentos: Por que inúmeras organizações encerram suas atividades todos os anos? Por que perdem mercado para concorrentes? Por que são incapazes de entender e avaliar as tendências? Considero que uma causa inequívoca é o estabelecimento de práticas de administração que levam exclusivamente em conta o pensamento financeiro, sem considerar o fato de que uma empresa pertence a um meio ambiente no qual exerce suas atividades e faz negócios. A visão dos negócios, segundo a qual o desempenho financeiro é o único critério de avaliação de um empreendimento, pode ser considerada inadequada face às exigências atuais e fator determinante de insucesso no longo prazo (ELKINGTON, 2001; SAVITZ, 2007; ALIGLERI, ALIGLERI e KRUGLIANSKAS, 2009; FRANÇA, 2007).

O período de mudanças rápidas no qual se vive torna ineficaz um grande número de formas pelas quais os empreendimentos têm sido dirigidos. Os administradores das empresas precisam mudar, aprender como sobreviver e

prosperar não somente no cenário de negócios atual, mas também contribuir para a continuidade das atividades do empreendimento (DRUCKER, 2002a, 2002b). E isso somente pode ser feito se aprenderem a ser empreendedores, ou seja, predispostos a verem a mudança como uma oportunidade e não como uma ameaça. A conduta inovadora deve ser parte essencial da rotina da empresa para, assim, viabilizar a reinvenção contínua do negócio.

Para o escritor e professor irlandês Charles Handy (2001) o mundo está pronto para ser reinventado de muitas maneiras e o futuro depende, em grande medida, daqueles que projetam e dirigem as novas empresas. O mundo necessita de novas idéias, novos produtos e novas iniciativas. E esse novo raramente vem de dentro de empresas estabelecidas, mas é resultado de indivíduos diferentes. Para Handy (2001),

“[...] [a empresa] precisa ganhar dinheiro, mas esse não pode ser o único objetivo. Além disso, as empresas têm de tomar consciência do papel que devem desempenhar na comunidade; ele é mais importante do que ganhar dinheiro. No passado, uma comunidade era um lugar: uma vila ou uma cidade. Hoje, cada vez com maior frequência, o conceito está associado a comunidade de interesses, isto é, pertencemos a uma comunidade porque, de alguma forma, contribuímos para o que o restante dos membros está fazendo. Dessa forma, as empresas, como mais um membro da comunidade, têm de se responsabilizar pela parte que lhes cabe”. (HANDY, 2001, p. 106)

Entretanto, o sucesso de uma organização, conforme ensinam Drucker (2002b) e Savitz (2007), não é resultado somente de suas boas intenções e ações nos assuntos ambientais e sociais; o seu êxito se deve a quanto são inovadoras no uso de elementos naturais nos seus produtos ou serviços, qualidade, investimentos em P&D, canais de distribuição, conhecimento do mercado e redução de custos com eliminação de desperdícios. Em resumo, as adequadas ações sociais e ambientais não são tudo para o sucesso nos negócios. É preciso saber como agir em outras competências de um empreendimento, como mercadologia, logística e finanças.

Para Senge *et al* (2009), as organizações que realmente tencionam exercer a liderança, em meio às mudanças que ocorrem no mundo, precisam ser capazes de converter os desafios da sustentabilidade em oportunidades estratégicas. Devem ser pioneiras na criação de produtos ou serviços inovadores, de novos formatos de negócios realmente pioneiros e de novas práticas gerenciais e estruturas

organizacionais realmente inéditas, para compatibilizar-se com todas essas inovações (SENGE *et al*, 2009).

A sustentabilidade empresarial precisa, então, ser vista não como geradora de custos, mas como uma alternativa para melhorar a competitividade por meio de um melhor desempenho financeiro (SAVITZ, 2007). A capacitação empreendedora auxilia na compreensão da sustentabilidade empresarial como algo capaz de ajudar na obtenção de ganhos de produtividade e de redução dos riscos de uma organização.

Dessa forma, o comportamento empreendedor contribui para priorizar a entrada em mercados com tendência de retornos crescentes no longo prazo. O desenvolvimento de produtos ou serviços relacionados à sustentabilidade tende a colocar o empreendimento em uma posição favorável em relação às demais empresas concorrentes. Os gestores de empresas precisam de um comportamento empreendedor, de uma conduta inovadora e entender adequadamente o conceito de sustentabilidade empresarial, pois para se alcançar o sucesso frente aos desafios atuais são necessários esses três componentes. Os administradores precisam deles para melhorar sua capacidade de tomar a iniciativa, buscar soluções criativas e agir no sentido de encontrar a solução para problemas sociais, ambientais e financeiros, por meio das organizações.

Assim, frente aos desafios da sociedade atual, o administrador de empresas necessita agir de forma pró-ativa face às novas realidades, aos novos valores e aos novos paradigmas. Deve, portanto, assumir uma postura mais ampla, que transforma o papel da empresa de geradora de retornos financeiros para os proprietários para uma visão mais abrangente, geradora de retornos financeiros, sociais e ambientais para todas as partes interessadas no desempenho de suas atividades (ELKINGTON, 2001; SAVITZ, 2007; ALIGLERI, ALIGLERI e KRUGLIANSKAS, 2009; CORAL, ROSSETTO e SELIG, 2003; FRANÇA, 2007). Torna-se necessário a avaliação crítica da realidade em que se vive. Uma capacitação que torne o ser humano autônomo e criativo, com valores éticos consolidados é essencial, pois as organizações necessitam de profissionais cujo perfil vai além da formação habitual e do domínio das técnicas de administração. A sociedade atual exige um indivíduo ético, com postura criativa, com possibilidade de avaliar novas idéias, que tome decisões e que saiba trabalhar em equipe. Frente a tal realidade, constata-se a necessidade da formação de um

cidadão capaz de se inserir em tal contexto. Esses são aspectos comportamentais necessários a serem desenvolvidos que permitam ao administrador enfrentar os desafios que parecem cada vez mais complexos face às circunstâncias do contexto empresarial atual.

Observa-se, de forma positiva nesse trabalho, que tanto o comportamento empreendedor quanto a conduta inovadora não são definidos por traços genéticos herdados, mas por formas de agir e pensar que podem ser adquiridas, desenvolvidas e praticadas pelo indivíduo. É preciso também que a capacitação empreendedora seja trabalhada integralmente e não somente em seus aspectos pragmáticos, o que equivale dizer que as instituições de ensino devem privilegiar as formas de ser e agir em seus projetos pedagógicos, além de explorar as potencialidades individuais como forma de aumentar a produtividade e a rentabilidade financeira do empreendimento, além dos benefícios sociais e ambientais. Percebe-se que os objetivos de longo prazo dos programas de capacitação empreendedora precisam se constituir na criação de empresas inovadoras voltadas para a busca de resultados favoráveis em termos financeiros, sociais e ambientais. Está na essência da capacitação empreendedora identificar a sustentabilidade empresarial como uma oportunidade para a inovação frente às transformações que ocorrem atualmente. Afinal, conforme as palavras de Bill Drayton, fundador da Ashoka¹⁸, não se deve dar o peixe ou somente ensinar a pescar. Deve-se revolucionar a indústria pesqueira.

¹⁸ É uma organização mundial, sem fins lucrativos, presente em sessenta países, pioneira no trabalho e apoio aos empreendedores sociais.